

RESENHA

Livro: *John Stuart Mill*¹

REVIEW

Book: *John Stuart Mill*²

*Fernanda Belo Gontijo*³

Resumo: Este trabalho visa informar aos leitores lusófonos sobre a publicação (em português) de *John Stuart Mill*, de autoria de Donner e Fumerton. O livro tem cunho introdutório e é dedicado aos tópicos mais importantes da filosofia de Mill. Ele divide-se em duas partes principais, sendo uma sobre o pensamento moral e político de Mill e a outra sobre a sua lógica, epistemologia e metafísica. Saliento as discussões que mais se destacam ao longo de cada parte e, ao final, apresento considerações acerca dos pontos negativos e positivos do livro. Concluo que trata-se de uma leitura recomendável para os interessados na filosofia de Mill, sobretudo, para os iniciantes em seus estudos sobre ele.

Palavras-chave: Mill. Utilitarismo. Educação. Sensações.

Abstract: This work aims inform lusophone readers about the publication (in Portuguese) of Donner and Fumerton's *John Stuart Mill*. The book has introductory character and is dedicated to the most important topics of Mill's philosophy. It is divided into two main parts, which one is about Mill's moral and political thought, and the other is related to his logic, epistemology and metaphysics. I stress the most stand out discussions throughout each part and, at the end, I make considerations about negative and positive points of the book. I conclude that this is a commendable reading to those interested on Mill's philosophy, especially to the beginners on Mill's thought.

Keywords: Mill. Utilitarianism. Education. Sensations.

* * *

John Stuart Mill (1806-1873) é influente não só na filosofia, mas fora dela. Na filosofia, os seus argumentos em defesa do utilitarismo e da teoria da referência direta foram importantes para a ética e a filosofia da linguagem, respectivamente. Entre o grande público, a sua defesa da liberdade de expressão é frequentemente citada nos meios de comunicação. Na economia, o desenvolvimento de certos aspectos da economia do bem-estar encontram sustento em muitos dos argumentos defendidos por

¹ Conferir as referências.

² See references.

³ Mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). E-mail: fernanda.belo.gontijo@gmail.com.

ele. Apesar dessa influência, ainda há poucas publicações em língua portuguesa acerca de seu pensamento. Na realidade, apenas recentemente as ideias de Mill têm recebido alguma atenção nos países lusófonos. Para preencher essa lacuna, a Edições 70 traduziu e publicou em 2011, *John Stuart Mill*, obra introdutória que trata de algumas das principais ideias de Mill em várias áreas da filosofia.

O livro contém um capítulo inicial e outras duas partes escritas por autores diferentes, conforme a área de especialidade. Ao todo, são onze capítulos. O livro também oferece, ao final, um índice remissivo e um índice geral. A versão original da obra tem o índice geral no início, como manda a boa prática editorial. Já a versão traduzida não compartilha dessa boa prática e, infelizmente, coloca o índice geral no fim do livro.

O primeiro capítulo apresenta uma breve biografia de Mill, na qual são apontados os aspectos mais conhecidos de sua vida, como a educação rígida, a influência de seu pai sobre seu desenvolvimento intelectual e o relacionamento com Harriet Taylor.

A primeira parte conta com sete capítulos e é escrita por Wendy Donner, que se centra na filosofia moral e política de Mill. Com um estilo vívido, ela aborda as questões centrais relativas a esses tópicos, partindo, sobretudo, de *Utilitarismo*⁴ (1861) e de *Sobre a Liberdade* (1859). Além da vivacidade, uma característica marcante dessa primeira parte é a repetida ênfase de Donner na educação e no desenvolvimento pessoal como elementos fundamentais da filosofia moral e política de Mill. São apresentadas as ideias desse filósofo sobre: o utilitarismo, havendo discussões em torno de seu hedonismo e de sua teoria da correção moral; sobre a liberdade civil e o princípio do dano; a importância da educação na formação moral, além de suas críticas ao sistema padronizado de ensino; a relação direta entre o seu liberalismo e a democracia; a sua defesa do feminismo e do ambientalismo.

Sobre a relação entre a teoria do valor e a da correção moral presentes na ética de Mill, Donner defende que ele oferece primariamente uma teoria da vida boa na qual a moralidade desempenha um papel importante. Essa interpretação é inversa à tradicional, que propõe que o utilitarismo é primariamente uma teoria da correção moral na qual a teoria da vida boa desempenha um papel importante.

⁴ As obras com tradução completa para o português terão seus nomes grafados nessa língua, do contrário, eles serão grafados na língua original.

No que diz respeito à natureza da correção moral, Donner interpreta Mill como um utilitarista das regras do código real. De acordo com essa versão de utilitarismo, a ação correta é aquela que pertence ao código real que, quando aceito e interiorizado pela maioria da sociedade, maximiza a felicidade geral. Infelizmente, a discussão sobre a plausibilidade do utilitarismo das regras do código real não é satisfatoriamente apresentada no capítulo. Donner não considera, por exemplo, a objeção de que viver de acordo com o utilitarismo do código real poderia nos levar ao relativismo moral e não avança em muito a discussão em torno dessa versão de utilitarismo. Ainda que ela discuta a objeção da imperfeição dos códigos reais, valeria a pena desenvolver uma discussão mais aprofundada em torno dessa versão de utilitarismo que ela acredita ter sido defendida pelo filósofo. Se esse é o tipo de utilitarismo proposto por Mill, quão plausível é a sua teoria da correção moral?

Também são interessantes as ideias de Mill sobre a educação formal. Sua posição é que o Estado deveria interferir na sociedade para impor a educação universal, mas não deveria ele mesmo providenciá-la, ainda que tivesse a obrigação de garantir que os mais pobres também fossem educados. Isso porque, em um sistema padronizado de ensino, as chances de se ter uma educação na contramão do desenvolvimento da autonomia, da individualidade, seriam bastante altas. Mill segue em uma direção progressista e também propõe que os pais deveriam ter o direito de escolher como os filhos seriam ensinados e que os padrões diversificados de ensino deveriam ser avaliados, havendo escolas dedicadas a formar e avaliar os professores.

O liberalismo de Mill e sua defesa da democracia também são enfatizados por Donner. As teorias política e moral de Mill estão intimamente relacionadas. A sociedade e o Estado não devem interferir na vida privada das pessoas e devem fornecer os meios para garantir a sua educação, pois isso permite uma compreensão menos equivocada das coisas e dá às pessoas a oportunidade de corrigir a sua falibilidade. Porém, não só. Tudo isso tem ainda a função de tornar as pessoas plenamente desenvolvidas e mais aptas a desfrutar os prazeres superiores, ou seja, de torná-las mais felizes. Para Mill, a democracia também tem essa finalidade. A participação política, sobretudo se fundada no debate, desenvolve as habilidades intelectuais e torna as pessoas mais interessadas no bem comum. Na medida em que todos são educados e capacitados para atuar na vida pública, tem-se uma sociedade mais feliz. Donner mostra que nada disso, contudo, é visto por Mill como um privilégio e, sim, como um direito, como um interesse essencial de todas as pessoas que pode – e deve – ser sempre reivindicado quando negligenciado.

O fim da primeira parte é dedicado ao ambientalismo de Mill, um tema pouco explorado de seu pensamento. Partindo, sobretudo, do ensaio “Nature” (publicado postumamente, em 1874), Donner mostra que Mill não sustenta que a natureza tem valor intrínseco e que ele se posiciona em favor da interferência do homem no meio natural para melhorar as suas condições de vida. Contudo, diferente da maior parte de seus antecessores e contemporâneos liberais, aceita que essa intervenção deve ser moderada. Tendo por base a promoção da felicidade, Mill propõe o controle de natalidade e a agricultura sustentável. Havendo equilíbrio entre a exploração de recursos e de pessoas para os usufruir, todos podem se beneficiar da exploração e ser mais felizes. Ele também vê a natureza como uma fonte de prazer estético, mas não como uma expressão do desígnio divino.

A segunda parte do livro é escrita por Richard Fumerton e centra-se na lógica, epistemologia e metafísica de Mill, possuindo apenas três capítulos. Um aspecto positivo dessa parte é a apresentação acessível de tópicos difíceis da filosofia de Mill. Obras como *A System of Logic* (1843) e *An Examination of Sir William Hamilton's Philosophy* (1865) são de difícil leitura para um iniciante em filosofia e Fumerton é capaz de explicar as ideias de Mill apresentadas nessas obras com uma concisão e clareza exemplares. Nessa parte são apresentados: o empirismo de Mill; o seu fundacionismo epistêmico; o seu fenomenalismo; a sua metafísica da causalidade (que é similar à de Hume) e a sua teoria da referência direta – além de uma breve discussão em torno da ética de Mill.

Um ponto que se destaca nessa segunda parte é o debate sobre o fenomenalismo milliano. Segundo Fumerton, Mill teria feito uma das primeiras defesas do fenomenalismo reducionista, para o qual as asserções sobre o mundo físico são equivalentes em significado a condicionais contrafactuais indefinidamente complexas que fazem afirmações sobre que sensações se seguiriam a outras. Por exemplo, se João tivesse tido a sensação de apanhar o pêssego do pessegueiro, se tivesse tido a sensação de mordê-lo, etc., então teria tido a sensação da doçura, da viscosidade, da intumescência do pêssego, etc.

Uma das objeções a essa perspectiva destacada por Fumerton é a da relatividade perceptiva. Grosso modo, o que se argumenta é que é possível descrever condições de observação em que as proposições sobre as sensações seriam falsas, mas as proposições sobre os objetos físicos seriam verdadeiras. Por exemplo, poderia ser verdadeiro que um quadro alternadamente pintado de verde e de vermelho fosse verde e

vermelho, ainda que, inexplicavelmente, todos os seus espectadores ficassem cegos a caminho de sua exposição, ficando assim impedidos de ter a sensação do verde e do vermelho. O ponto aqui é que caso as condicionais complexas fossem asseridas apenas em acordo com o vocabulário das sensações, não seríamos capazes de fazer asserções precisas por meio delas quando houvesse alguma mudança nas condições de percepção. E até mesmo para falar em condições de percepção, seria preciso ir além do vocabulário das sensações. Por fim, as condicionais complexas não poderiam ser asseridas sem alguma referência à matéria.

Um ponto negativo do livro está no fato de ter sido escrito por dois autores, mas não a quatro mãos. As suas duas partes não dialogam entre si e cada uma poderia, sem prejuízo da outra, ser publicada como um livro à parte.

Isso fica claro quando consideramos que o livro contém duas introduções distintas (uma para cada parte), sendo ambas apresentadas no começo do livro, logo após o capítulo inicial sobre a biografia de Mill. A razão de mantê-las desse modo parece ter sido propiciar ao leitor uma visão geral acerca das duas partes e de seus respectivos capítulos. Porém, ambas as introduções foram evidentemente escritas em separado e destinadas a introduzir apenas a sua respectiva parte ao leitor. Assim, quando terminamos de ler a introdução da primeira parte, sentimo-nos conduzidos a começar a leitura de seu primeiro capítulo. Todavia, subitamente, nos deparamos com a introdução da segunda parte, que, quando finalizada, de forma igualmente súbita, dá lugar ao começo da primeira parte.

Por ser um livro que apresenta um apanhado de vários aspectos importantes do pensamento de Mill, sobretudo os morais e políticos, também é negativo o hiato quanto à discussão em torno da prova do princípio da utilidade, que é fundamental para uma compreensão minimamente sofisticada do utilitarismo de Mill. O princípio da utilidade é a pedra que serve de fundamento para o utilitarismo e afirma que a ação correta é a que maximiza imparcialmente a felicidade geral.

Para provar o princípio da utilidade, Mill parte da constatação de que as pessoas tendem a buscar o prazer em primeiro lugar para concluir que isso é um forte indício de que o prazer é aquilo que é digno de ser desejado em última instância. Esse argumento parece cometer a falácia naturalista, pois pretende inferir conclusões morais a partir de premissas descritivas. Uma das objeções que geralmente se levanta é que se do fato de as pessoas desejarem algo – ainda que em primeiro lugar – for um bom indício de que o que é desejado é bom, então se as pessoas desejarem algo que é

evidentemente mau (por exemplo, o *crack*), esse será um indício razoável de que o objeto desejado é bom. Assim, parece que há algo de errado com esse gênero de argumento, o que mostra que há um problema na prova de Mill. Essa discussão é fundamental para determinar a plausibilidade do utilitarismo de Mill e tem recebido muita atenção na literatura especializada. No mínimo, ela merecia um capítulo à parte, mas é mencionada apenas por Fumerton – e de forma muito breve – no fim do último capítulo.

Isso não significa que o livro seja mau. Se, por um lado, tópicos importantes são deixados de fora, por outro, aqueles tópicos que são incluídos no livro são apresentados com clareza por Donner e Fumerton. A estruturação dos capítulos também demonstra a preocupação com a compreensão dos leitores. Ao fim de cada um, há uma indicação de leituras relevantes. Além disso, as notas de rodapé são usadas apenas quando são estritamente necessárias, o que garante a fluência da leitura. A opção de tradução seguiu em uma boa direção, tendo favorecido um estilo menos formal, facilitando também a leitura e mantendo-se em harmonia com o estilo claro dos autores. Com mais prós do que contras, pode-se afirmar que *John Stuart Mill* é uma leitura recomendável para os interessados nas ideias desse filósofo, sobretudo para os iniciantes.

Referências

- DONNER, W.; FUMERTON, R. (2009). *John Stuart Mill*. Tradução de Teresa Castanheira e Francisco Gonçalves. Lisboa: Edições 70, 2011.
- MILL, J. S. (1865). An Examination on Sir William Hamilton's Philosophy. In: ROBSON, J. M. (Ed.). *The Collected Works of John Stuart Mill*. Toronto: University of Toronto Press; London: Routledge and Kegan Paul, 1963-1991. 33 vols. Vol. IX.
- _____. (1843). A System of Logic. In: ROBSON, J. M. (Ed.). *The Collected Works of John Stuart Mill*. Toronto: University of Toronto Press; London: Routledge and Kegan Paul, (1963-1991). 33 vols. Vol. VII.
- _____. (1843). A System of Logic. In: ROBSON, J.M. (Ed.). *The Collected Works of John Stuart Mill*. Toronto: University of Toronto Press; London: Routledge and Kegan Paul, (1963-1991). 33 vols. Vol. VIII.
- _____. (1859). *Sobre a Liberdade*. Lisboa: Edições 70, 2006.
- _____. (1874). Three Essays on Religion: Nature, Utility of Religion and Theism. In: ROBSON, J. M. (Ed.). *The Collected Works of John Stuart Mill*. Toronto: University of Toronto Press; London: Routledge and Kegan Paul, 1963-1991. 33 vols. Vol. X.
- _____. (1861). *Utilitarismo*. Porto: Porto, 2005.